

## 6

### O uso educacional do internetês

Uma das motivações para as investigações feitas nesta tese foi o fato de, em sala de aula, perceber um envolvimento cada vez maior dos jovens com a Internet e, conseqüentemente com o desenvolvimento do Internetês. Por conta da fragmentação dos textos digitais e da rapidez exigida para a leitura dos hipertextos, muitos jovens encaram a leitura de livros e textos longos como entediante, chata. Porém, todos vêm lendo cada vez mais os textos e as imagens disponíveis nos monitores de seus computadores. Devemos orientá-los sobre a importância de se ter acesso aos mais variados tipos de discurso, utilizando essa fragmentação dos textos da Internet para atraí-los a outros tipos de expressão textual.

Cabe, então, em uma tese que faz uma análise do Internetês, disponibilizarmos rapidamente no capítulo final desta tese, como um pequeno adendo, estratégias de como lidarmos, como professores-investigadores, com tal situação gerada a partir dessa enxurrada de novidades que surgem inadvertidamente no espaço virtual do computador.

#### 6.1

##### Mudança de postura na educação

Hoje em dia, muitos alunos ainda encaram a Internet como local apenas de diversão e entretenimento, deixando de lado as diversas possibilidades oferecidas para uma busca de conhecimento. Em diversos momentos em que pudemos trabalhar com o computador em sala de aula, ainda ouvimos alguns alunos perguntarem se poderiam "entrar no Orkut". Ou seja, computador com acesso à Internet seria sinônimo de redes sociais, sem fins educativos.

A mudança de pensamento do aluno passa pela postura do professor, que deve, como orientador, indicar caminhos que possam auxiliar seus alunos a fazerem associações entre a teoria trabalhada em sala e situações em que eles possam testá-la, aprofundando seus conhecimentos.

É imprescindível que profissionais da educação tenham contato com as novidades tecnológicas disponíveis. Em um mundo em que nossos jovens estão imersos em imagens, sons, movimentos, é necessário que a prática pedagógica seja reconstruída, de modo a atender às novas necessidades e novas aspirações de nossos alunos.

O surgimento de diversos novos meios de comunicação dentro da escola deixou muitos professores assustados, pois não estavam acostumados a lidar com "tanta tecnologia". Para integrarmos mídias, devemos também ter o cuidado de não apenas usá-la sem um planejamento preelaborado, como cita Prado (2009) em relação à utilização de um editor de texto por parte do aluno apenas para copiar algo feito em sala de aula. Para que possamos realmente integrar novas tecnologias a nosso cotidiano em sala, é necessário que exploremos ao máximo a potencialidade da mídia que pretendemos utilizar.

Apesar de sabermos das dificuldades enfrentadas por diversos professores, que muitas vezes não têm tempo nem disponibilidade de horário para enriquecerem sua formação, é necessário que encaremos as novas mídias e a linguagem praticada nelas como aliadas, não como inimigas, impossíveis de serem desvendadas. Os professores podem aproveitar o fato de a maioria de nossos alunos serem nativos digitais e lidarem com o Internetês, que vimos nesta pesquisa, ser bastante particular.

A seguir, traremos algumas sugestões de atividades textuais em que os recursos tecnológicos sejam utilizados.

## **6.2 Produção de trabalhos coletivos na Wikispaces**

Seguindo a mesma linha de ambientes *wiki*, que permitem a contribuição coletiva, tendo a Wikipedia como seu maior representante, o Wikispaces é um site para hospedagem gratuita de *wikis* (termo utilizado para identificar um tipo específico de coleção de documentos em hipertexto ou o software colaborativo usado para criá-lo).<sup>33</sup>

---

<sup>33</sup> Definições coletadas na própria Wikipédia (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Wikispaces>).

A grande vantagem de se trabalhar nesse tipo de ambiente é que, registrando um grupo de pessoas (e-mail e login), no nosso caso, alunos, temos a informação sobre o que escreveram, quem escreveu e quando escreveram. Cada um, em seu computador, pode participar, alterando, modificando, acrescentando conteúdos, da mesma forma que ocorre na Wikipedia.

Poderíamos, por exemplo, sugerir uma atividade em que um grupo de trinta alunos fizesse um trabalho sobre determinado tema. Alguns alunos ficariam responsáveis pela confecção do texto; outros pela inserção de imagens; outros pela revisão textual; outros pela recomendação de sites para aprofundamento no assunto. Toda a atividade seria registrada e poderia ser facilmente verificada, ou seja, todo o processo de construção do texto poderia ser consultado e exposto para os alunos, que poderiam refletir, ao final do trabalho, sobre todo o processo.

Além disso, nesse mesmo ambiente, há a possibilidade de se abrirem tópicos de discussão sobre os trabalhos. Ou seja, é possível que se deixe claro, com a orientação do professor, que deve haver uma diferença entre o texto praticado nessas discussões, o qual será livre; e o texto do trabalho principal.

É importante salientar que, além de se tornar um trabalho mais atrativo, por contar com o auxílio da informática e da Internet, tal trabalho permite uma interação antes impossível. Além disso, a visualização do processo de construção textual do trabalho contribui decisivamente na consciência do aluno, o qual começa a perceber as nuances entre os gêneros textuais, suas adequações e inadequações.

Esta atividade é sugerida porque, a partir dela, podemos observar, como pesquisadores, a diferença entre o texto praticado formalmente, e que será avaliado como trabalho pronto, e aquele praticado para as discussões, informalmente, o qual trará, com certeza, traços próprios do Internetês. Além de investigarmos os processos que levam às inovações na língua, podemos mostrar a nossos alunos as diversas diferenças entre tais textos.

Bisognin (2009) nos traz em seu livro *Sem medo do internetês* diversas dicas de trabalho com a escrita da Internet. Dentre elas, estão algumas a seguir:

### 6.3

#### Reescritura e produção de texto, observação de grafia

Esta atividade consiste em orientar os alunos a analisarem a língua, observando excertos de algum texto da Internet, como chats, por exemplo. O aluno pode analisar os tempos verbais, procurar sinônimos para as palavras ali utilizadas, marcar aquelas que não foram compreendidas, criar padrões de abreviação etc.

Podemos utilizar esta atividade em diversos níveis de escolaridade. Em turmas de alunos mais jovens, por exemplo, podemos selecionar trechos de textos retirados do Orkut e pedir que observem as palavras que não são dicionarizadas, destacando-as. O passo seguinte seria descobrir o significado de cada palavra e justificar sua escolha naquele contexto, o que ajudaria os alunos a perceberem a motivação dos usuários. Os passos poderiam ser repetidos, utilizando textos de diferentes sites da Internet, para mostrar a variação de formalidade na linguagem utilizada.

Esse tipo de atividade traz uma noção sobre gênero textual, pois mostra como são feitas as escolhas de linguagem para cada discurso.

O nível de análise dos textos tende a variar juntamente ao nível de escolaridade da turma. Exigir-se-ia comentários mais aprofundados de alunos do ensino médio, por exemplo. Uma opção de atividade nesse nível seria a análise sintática de textos retirados chats. Há coesão entre as frases do discurso? Como seria feita a junção das ideias? A fragmentação vista nesse tipo de comunicação é reflexo das relações na sociedade atual?

O aluno, também por meio de trechos retirados da Internet, pode ser convidado a investigar as características de fala e de escrita contidas na linguagem utilizada na Internet. Por que há essa mescla? Quais as intenções de seus usuários? Por que, por exemplo, há textos dentro da Internet em que utilizamos abreviaturas e outros em que não as utilizamos?

Outra ideia seria pedir que fossem investigados trechos retirados do Twitter pelos alunos. Aproveitando a crescente popularidade do microblog, podemos desenvolver diversas questões textuais, como: qual a consequência da limitação de caracteres para a criação do texto da mensagem; como a criatividade dos internautas faz com que textos sejam inteligíveis mesmo contendo diversas abreviaturas; dentre muitas outras possibilidades.

## 6.4 Retextualização do internetês

Neste exercício, o professor orienta seus alunos a realizarem uma atividade de retextualização de trechos retirados de determinados gêneros (ou seriam veículos?) da Internet. Esta atividade pode ser feita para que os alunos, após uma observação da grafia e da compreensão dos diversos gêneros existentes, tenham a capacidade de adaptar sua linguagem aos diferentes contextos de comunicação.

Não seria útil somente uma transposição do internetês para a linguagem formal, pois, como vimos em nossa pesquisa, há variação entre os próprios gêneros digitais. Por isso, estar habilitado a retextualizar trechos retirados de chats em um ambiente assíncrono, como um blog, também é importante para que se possa comunicar satisfatoriamente. Vimos em nossos dados que o internetês utilizado em blogs é diferente do internetês utilizado no Twitter, por exemplo. Essa diferença entre textos que compõem o próprio internetês deve ser explorada em sala de aula, em atividades que destaquem como a linguagem se torna mais ou menos formal. Vejamos um trecho de Xavier (no prelo 2011) que destaca a importância de se lidar em diferentes gêneros:

À medida que o aprendiz vai amadurecendo no uso da modalidade escrita em diferentes gêneros, ele vai adequando a forma e o conteúdo do seu dizer a tais situações. Tudo ao seu tempo e no seu devido lugar é uma lição que o professor já deveria ter aprendido e ensinado aos alunos, antes de aterrorizá-los contra a “praga” linguística que seria o *internetês*.

Além disso, o professor também deve desenvolver tarefas em que o internetês seja reescrito na norma culta padrão, já que o ensino formal da língua é necessário e importante para que tenhamos alunos que se comuniquem eficientemente. Por exemplo, podem-se extrair alguns trechos de conversas em salas de bate-papo da Internet e solicitar que sejam reescritos em textos formais. Neste caso, poderíamos reproduzir uma conversa entre dois personagens de uma crônica; ou uma interação entre um empregado e um chefe; um jovem e seu avô.

Com trechos retirados do Orkut, poderia ser feita a transposição para o gênero cartas entre parentes; blog de opinião; etc.

Tais adaptações mostram ao aluno que um texto não é mais ou menos correto que outro, pois sua utilidade é avaliada de acordo com o contexto em que ocorrem. Xavier (no prelo 2011) também nos mostra o quão importante seria que todos os professores se desprendessem de todos os preconceitos linguísticos para lidarem com o *internetês* na escola:

Comparando a forma gráfica do *internetês* com a reprodução do mesmo conteúdo sem tais marcas, podemos levar o aprendiz a perceber a grafia oficial das palavras dentro de um contexto específico de produção de linguagem. Verter do *internetês* para a escrita padrão exige movimentos sensório-motores e visuais que poderão conduzir o aprendiz à consciência da adequação e, conseqüentemente, à flexibilidade quanto ao uso dos grafemas alfabéticos.

Essas são apenas algumas das questões as quais podemos criar a partir de uma linguagem rejeitada por muitos professores, mas que cresce a cada dia em quantidade e importância. Reitero, citando novamente Xavier (no prelo 2011), que a preocupação de muitos professores não se justifica quando analisamos mais detalhadamente o *internetês*:

Não há motivos para alardes, pois [o *internetês*] se trata apenas de uma utilização mais flexível dos grafemas do léxico em uma dada situação comunicativa e não de uma conspiração orquestrada contra a Língua Portuguesa para desestabilizar o léxico e gramática como um todo.

[...]

o *internetês* parece representar perigo àquele que não o compreende ainda, nem tem boa vontade para estudá-lo a fim de encontrar a funcionalidade interacional presente em todas as línguas e dialetos, inclusive neste.

[...]

Infantilidade de atitude de alguns mestres que se esquecem de fazer ressalvas sobre a necessidade de ponderar a conveniência e a adequação quando da utilização da linguagem. Atitude preconceituosa de determinados docentes que tratam toda e qualquer variação na língua como inferior, logo errada. Neste caso, quem representa ameaça ao desejo de se aprender uma língua não é o *internetês*, mas é o professor que, por sua inflexibilidade, preconceito e anticientificismo, afasta o aprendiz da visão multivariada da linguagem verbal e conseqüentemente do prazer de estudá-la exatamente por sua riqueza e não pela monotonia de uma neurótica uniformidade linguística.

Muitas são as estratégias que podem ser utilizadas para se aproveitar o internetês em sala de aula. O que vale, naturalmente, a criatividade do professor para se aproveitar dos textos disponíveis na grande rede.

Mostramos alguns caminhos que podem ser seguidos por professores que queiram dinamizar suas aulas, levando em conta que a Internet e o internetês surgem em um mundo globalizado, em que os jovens têm a necessidade de se expressarem, utilizando diversos tipos de linguagem.

Além disso, mais importante do que a simples utilização de variantes de linguagem, há a necessidade de uma reflexão sobre elas na escola, com o auxílio dos professores, já que fica clara a grande variação que ocorre dentro do próprio Internetês. Por conta disso, é também papel da escola habilitar seus alunos a lidarem melhor com cada situação que se lhes apresenta.